

“APRENDER FAZENDO”: UMA REFLEXÃO ACERCA DO ESCOTISMO E DA RENOVAÇÃO PEDAGÓGICA OCORRIDA NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Andressa Barbosa de Farias Leandro
Universidade Federal da Paraíba
andressa-leandro@hotmail.com

Resumo: O escotismo elaborado, no início do século XX (1907), pelo general inglês Baden-Powell se constitui em um método de educação extraescolar, para a complementação da educação de crianças e jovens em diversos países, inclusive no Brasil. Influenciado pelas reflexões dos teóricos da educação do início do século XX, Baden-Powell argumentava que a educação é um processo contínuo que acontece de dentro para fora, acreditava que se o jovem fosse estimulado de forma correta, poderia desenvolver suas habilidades tanto físicas quanto intelectuais e o escotismo poderia contribuir para a formação desses jovens, através de valores que os acompanhariam ao longo da vida. Assim, elaborou um método educativo que estimulava o jovem a buscar o seu próprio desenvolvimento, através de atividades práticas realizadas ao ar livre, pois acreditava que os jovens poderiam desenvolver as suas capacidades através das experiências vividas e do “aprender fazendo”. Este artigo tem por objetivo problematizar as aproximações entre o escotismo e a renovação pedagógica ocorrida no início do século XX. A pesquisa que se constrói a partir de uma análise bibliográfica acerca das obras que versam sobre o escotismo, renovação da escola e pedagogia ativa, constatou que o escotismo, desde os seus primórdios, foi influenciado pelas ideias de renovação pedagógica que estavam sendo postas em prática no início do século XX. Ao elaborar o seu Método Escoteiro, Baden-Powell coadunava com as inovações educacionais de sua época, que visavam transformar a escola e o seu papel educativo, adequando-os à sociedade moderna. Em meio à efervescência dos debates e das experiências da renovação pedagógica, Baden-Powell idealizou um Movimento infanto-juvenil que associava educação ao ar livre, fundamentado na autoeducação, no desenvolvimento moral, intelectual e físico.

Palavras-chave: Baden-Powell, Escotismo, Renovação Pedagógica.

Introdução

Apesar de ter sido implantado há mais de um século no Brasil, o escotismo ainda é uma temática pouco estudada pelos pesquisadores brasileiros. De acordo com Nascimento (2008), as pesquisas que privilegiam a temática são recentes e analisam o escotismo a partir de seu viés disciplinador, enfatizando os seus elementos nacionalista e militarista. Apesar de reconhecer a importância desses elementos para a análise do escotismo, ele adverte que os pesquisadores brasileiros têm secundarizado outros elementos que são tão importantes quanto estes para a compreensão do escotismo como, por exemplo, os

elementos e o sentido da pedagogia escoteira.

Nascimento (2008, p. 19) argumenta ainda que a dimensão mais importante do escotismo reside no fato do Movimento Escoteiro ser uma Pedagogia Ativa, “inserida nas reformas educacionais que embalaram diferentes países europeus e americanos durante as primeiras décadas do século XX”. Seguindo essa perspectiva, o presente trabalho pretende analisar o Movimento Escoteiro como um método educacional, problematizando as aproximações deste com as ideias de renovação pedagógica, que estavam sendo postas em prática no início do século XX, período em que o escotismo foi criado.

O escotismo é um movimento de educação e, muitas vezes, não é percebido como tal pela sociedade. Desse modo, pretendemos demonstrar no decorrer deste trabalho que o escotismo, entendido nesse estudo como um método educativo, foi influenciado pelas inovações educacionais do início do século XX. Acreditamos que ao elaborar o método educativo escoteiro, Baden-Powell coadunava com os ideais defendidos pelos teóricos do Ativismo.

Assim como Thomé (2005), acreditamos que o escotismo se constitui em um tema relevante para a história da educação brasileira, haja vista que, enquanto um movimento de educação não formal, tem sua parcela de contribuição para a educação da infância e da juventude brasileira. Sendo o escotismo parte da memória educacional do nosso país, esse estudo vem contribuir com a historiografia da educação e estimular o debate e a produção acadêmica sobre essa prática educativa.

Metodologia

O presente artigo se constrói através de um levantamento bibliográfico sobre as obras que versam sobre o escotismo, renovação da escola e pedagogia ativista. A pesquisa foi subsidiada pelos referenciais teóricos de Franco Cambi (1999), Jan Amos Comenius (2002) e, sobretudo, pelos autores que tratam do escotismo, a exemplo, de Jorge Carvalho do Nascimento (2008), Antonio Boulanger (2011), Lazlo Nagy (1987), Adalson de Oliveira Nascimento (2004), e o próprio Baden-Powell (1986, 2006, 2000), fundador do escotismo. O fato de termos optado pela leitura de Comenius, pode causar algum tipo de estranheza, já que ele é um teórico que escreve no século XVII e, o escotismo só é idealizado no início século XX, entretanto, acreditamos que as suas reflexões teóricas influenciaram, de alguma forma, os educadores do Ativismo.

Resultados e Discussões

Para compreendermos a proposta de educação escoteira, faz-se necessário que tenhamos uma ideia do contexto em que ela foi elaborada. Revisitando alguns autores que trabalham com a temática do escotismo, como Nascimento (2004), Nagy (1987); Boulanger (2011) e Nascimento (2008); constatamos que a emergência do escotismo ocorre em um momento de crise dos valores morais, que acometia toda a Europa.

A expansão imperialista do século XIX, não foi suficiente para evitar a recessão que afetava toda a Europa, marcada naquele momento pelo discurso nacionalista da direita política, que vislumbrava, no fortalecimento da nação, uma solução para os males nacionais. Todos os recentes Estados nacionais passaram a se preocupar com a infância e a juventude, pois acreditavam que as crianças e jovens seriam essenciais para a regeneração da sociedade, isso resultou na popularização de várias organizações educacionais, na Europa, que procuravam difundir valores nacionais, caros à sociedade, naquele momento (NASCIMENTO, 2004).

É nesse cenário que o escotismo é idealizado por Baden-Powell, general do Exército britânico. Ao elaborar o seu Método Escoteiro, Baden-Powell coadunava com as inovações educacionais de sua época, que visavam transformar a escola e o seu papel educativo, adequando-os à sociedade moderna. Segundo Cambi (1999), essas inovações se nutriam de um forte ideal libertário e progressista, respaldada no movimento de emancipação social e política dos indivíduos, que rejeitavam o aspecto elitista da escola. Essa renovação da educação foi chamada de “Ativismo” ou “Escola Nova”, se configurando em um movimento internacional, sobretudo, europeu e americano, que surgiu no final do século XIX e, consolidou-se, na primeira metade do século XX. O Ativismo se caracteriza por colocar a criança, no centro do processo de aprendizagem, enfatizando o “aprender fazendo”. Desse modo, o ensino se dá pela ação e não pela instrução, rompendo, portanto, com a instituição escolar formalista.

A instituição escolar formalista passou a ser vista como um mundo à parte, fechada dentro de seus muros, dissociada da realidade e de suas transformações sociais. Dessa forma, os conteúdos, que ela transmitia ao aluno, eram irrelevantes para a condução da vida. Fazia-se necessário, então, uma reformulação dos currículos e programas escolares, para que estes pudessem abranger os problemas atuais do mundo e também da juventude. Contudo, como apenas a reformulação dos currículos não era o suficiente, a

estrutura da escola também deveria ser alterada, para torná-la um ambiente agradável, onde os jovens ficassem à vontade para conviver e discutirem seus problemas (FOUTOURA, 1960).

Tendo como base as descobertas, no campo da psicologia, que defendia que a criança tem uma psique diferenciada do adulto, os teóricos do Ativismo, como John Dewey, Ovide Dreyfus, Edouard Claparède, Adolphe Ferrière e Maria Montessori, objetivavam criar uma escola alternativa que ao mesmo tempo valorizasse a individualidade do aluno e desenvolvesse as suas aptidões, respeitando assim, a evolução do desenvolvimento infantil. O primeiro experimento desse tipo de educação foi posto em prática na Inglaterra, por Cecil Reddie, no ano de 1889, à medida que abriu uma escola cujo fim era atender rapazes dos 12 aos 18 anos, oferecendo-lhes um programa diferenciado que satisfizesse às exigências da sociedade. Posteriormente, vários experimentos de “escolas novas” foram postos em prática, em diversos países, inclusive na Inglaterra:

Um experimento educativo, desenvolvido na Europa e alimentado pelas lições do ativismo que resulta dos mais interessantes, foi dos escoteiros, surgido em 1908, promovido por Robert Baden-Powell (1857-1941), ex-coronel do exército inglês. Inspirado não só no colonialismo, do qual tira não só o uso do uniforme, mas também muitos princípios e o próprio espírito de aventura que o inspira, e organizado de forma quase militar, o escoteiro teve amplo sucesso e difusão mundial (CAMBI, 1999, p. 521).

Para Cambi (1999), o escotismo se constituiu em um exemplo bem sucedido de “escola nova”, visto que sintetiza em sua base os temas básicos da pedagogia ativista: puercentrismo (procedimentos didáticos centrados na criança); ênfase na aprendizagem pela atividade; motivação; estudo a partir do ambiente circundante; socialização; antiautoritarismo e antiintelectualismo.

O escotismo dialogava não só com as inovações educacionais propostas pelo Ativismo, mas também com a teoria da formação do caráter, inspirada na psicologia do desenvolvimento de Santley Hall. Assim como o escotismo, outros movimentos infanto-juvenis se ancoravam, na psicologia e no seu método para a formação do caráter a partir da infância pela manipulação dos instintos. O escotismo “valorizou a infância como idade autônoma, estabeleceu elos entre motivação e aprendizagem, partindo sempre da experiência concreta” (NASCIMENTO, 2008, P. 330).

As contribuições da Didática Magna de Comenius

Em sua obra Didática Magna, Jan Amos Comenius apresenta um tratado de educação pautado nos princípios que conduzem o homem a transformação e

a salvação, conforme os preceitos religiosos. Sabemos que Comenius é um educador do século XVII, entretanto, percebemos que a proposta educativa do escotismo se aproxima das reflexões empreendidas por Comenius para o ensino de sua época. Provavelmente, essa aproximação deva-se ao fato de que as contribuições teóricas de Comenius influenciaram vários educadores, dentre eles os teóricos do Ativismo, de onde, provavelmente, Baden-Powell buscou os fundamentos pedagógicos para elaborar o seu método educativo.

A Didática Magna tem como proposição o ideal pansófico, ou seja, ensinar tudo a todos, partindo do pressuposto que todo homem é um animal educável, dotado de potencialidade, capacidade e inclinação para aprender, bastando ser formado e instruído. Segundo Comenius (2002, p.80), a educação deveria iniciar-se desde a mais tenra idade, pois “no homem é sólido o que foi absorvido na primeira idade”. Ele argumentava que “de tudo o que se aprenda, é preciso buscar logo a utilidade, para não aprender nada de inútil” (COMENIUS, 2002, p. 198). Já no século XVII, Comenius advertia para a necessidade de se articular o conteúdo estudado com a realidade do aluno, o que se constituirá, no século XX, um dos pilares do movimento do Ativismo.

Comenius (2002) criticava a prática didática de sua época, argumentava que as escolas não respondiam plenamente aos objetivos pelos quais foram criadas, por isso, deveriam ser reformadas e reorganizadas de maneira diversa. Assim, Comenius propõe o seu modelo de “escola bem ordenada”, na qual todos deveriam ser instruídos de forma plena. Nela estariam presentes os ideais de sapiência, da honestidade e da piedade. O ensino seria ministrado com delicadeza e doçura, sem ser superficial nem tampouco cansativo, assim, os professores dotados de um bom método de ensino deveriam ser amorosos e afetivos com as crianças. A proposta do pedagogo morávio “atribui grande crédito a natureza. Observando a ordem que reina [...] extrai os princípios que coloca na base de seu método: o sincretismo e a substancial unidade estrutural que caracteriza os seres humanos no curso do seu gradual desenvolvimento” (CAMBI, 1999, p. 288).

Escotismo: uma pedagogia ativa

Idealizado no início do século XX, pelo general inglês Baden-Powell, o escotismo foi inicialmente elaborado para complementar a educação de garotos ingleses, os quais estavam totalmente entregues ao vício do cigarro e da bebida. O quadro era de depressão no comércio, queda nos salários e aumento do desemprego, “havia um desfile

diário de desempregados pelas ruas, muito dos quais jovens adolescentes, carregando caixas de esmolas nas ruas de Londres. [...] O crime e o vandalismo cresciam e o vício desenvolvia-se principalmente entre os jovens sem perspectivas” (BOULANGER, 2011, P. 158).

Segundo Nascimento (2008), a situação dos jovens era tão preocupante, que o governo inglês lançou mão de várias estratégias para afastar a juventude do vício do cigarro e da bebida, chegando até mesmo a estimular e financiar viagens de lazer para o campo, montanhas e à praia. Baden-Powell, que ficou um longo período afastado da Inglaterra devido ao serviço militar¹, quando retornou a Inglaterra se deparou com a situação desalentadora dos jovens, percebeu que era preciso regenerar a juventude através da educação. Tendo como referência Movimento infanto-juvenil Wodcraft indians, criado por Ernest Thompson Seton², Baden-Powell publica um folheto, no qual propunha, para os jovens, “um programa de disciplina, observação, saúde, patriotismo, cavalheirismo e salvamento”, inspirado em sua experiência. Seu objetivo era:

Procurar melhorar o padrão dos futuros cidadãos, especialmente seu caráter e a sua saúde. Era preciso descobrir os pontos fracos do caráter nacional e esforçar-se por erradicá-los, substituindo-os por virtudes equivalentes que os programas escolares não mencionavam. As habilidades manuais, as atividades ao ar livre e o serviço ao próximo estavam na vanguarda desse programa [...] o plano estava baseado no princípio do jogo educativo, numa recreação que levava o rapaz a autoeducação (BADEN-POWELL, 1986, p. 53).

Baden-Powell não foi o primeiro a defender a educação para os jovens ao ar livre, por meio da prática de esportes, da observação e da prestação de serviços, conforme Nagy (1987, p. 55) observou:

Numerosos educadores profissionais, desde Montessori a Freinet, através de Claparède e Bovet, haviam separadamente, descoberto as vantagens da autoeducação em oposição aos métodos convencionais de ensino. Entretanto, B.P. foi o primeiro a traduzir alguns aspectos de sua vida e experiência para um modelo pedagógico e apresenta-los, em uma maneira simples, prática e acessível a todos, especialmente aos jovens.

Esse era um momento em que a educação estava passando por um processo de profunda e radical transformação. Para compor seu método, Baden-Powell foi buscar inspiração em

¹ Baden-Powell realizou expedições militares na Índia, Afeganistão e na África para defender as possessões da Coroa Inglesa, em um momento em que as nações europeias disputavam os territórios dos continentes africano e asiático, o que o levou a se ausentar da Inglaterra por extensos períodos.

² Ernest Thompson Seton era um cidadão inglês, que residia nos Estados Unidos. Escritor sobre assuntos ligado a natureza, Seton escreveu vários artigos para os jovens, que versavam sobre habilidades e destreza na natureza.

diversos livros que falavam da vida ao ar livre, da natureza e da aventura; estudou filosofia do caráter; as associações voluntárias, para que pudesse desenvolver o caráter e o patriotismo nos jovens; consultou livros que abordavam a educação dos jovens em Esparta, Japão, na antiga Inglaterra e na Irlanda; se apropriou de leituras sobre a Idade Média e a cavalaria, sobre os métodos de treinamentos dos povos primitivos (zulus, polinésios, índios americanos) e; também “estudou métodos da ginástica e conheceu a escola suíça reformadora” (BOULANGER, 2011, p. 160).

Segundo Cambi (1999), a escola suíça reformadora era representada pela chamada Escola de Genebra, criada por Edouard Claparède, da qual também faziam parte, Pierre Bovet, Adolphe Ferrière, Henri Wallon e Jean Piaget. Claparède defendia que a escola deveria ser organizada sob medida para as crianças, respeitando a sua natureza e satisfazendo as suas necessidades. A escola também deveria organizar os processos de ensino e aprendizagem, de forma, que pudessem ser individualizados, através da oferta de uma sequência de opções de atividades, para que a criança conseguisse escolher.

Dentre os nomes da Escola de Genebra, Ferrière foi quem esteve mais empenhado no plano da escola ativa e de uma teorização do Ativismo, foi também um defensor “dos ‘direitos’ e das ‘necessidades’ fundamentais da criança, ambos ligados a um exercício da livre atividade”. Ferrière defendia que a escola deveria ser transformada profundamente e, que o jogo e o trabalho, deveriam ser colocados no centro de suas atividades. Nesta escola, se observaria também “uma formação segura do caráter (livre e democrático) e um incremento da autonomia como comportamento essencial do indivíduo, enquanto a vida escolar se organiza segundo o princípio do autogoverno” (CAMBI, 1999, p. 530).

Influenciado pelas reflexões dos teóricos da educação do início do século XX, Baden-Powell propôs um processo educativo que estimulasse o jovem a buscar o seu próprio desenvolvimento, através de atividades práticas realizadas ao ar livre, que é “por excelência a escola da observação” (BADEN-POWELL, 2000, p. 35), pois acreditava que os jovens, como pessoas ativas poderiam desenvolver as suas capacidades através das experiências vividas do “aprender fazendo”.

Com o intuito de testar as suas ideias, Baden-Powell reúne 20 garotos, de diferentes credos e segmentos sociais, e organiza, em 1907, um acampamento experimental, com duração de oito dias na ilha de Brownsea³, tido como o marco inicial do Movimento Escoteiro. O sucesso do acampamento motivou Baden-Powell a lançar o “esquema escoteiro”,

³ A Ilha de Brownsea está localizada na Baía de Poole, na Costa sul da Inglaterra.

em seis fascículos semanais, que em 1908, foram compilados no livro “Scouting for Boys” (Escotismo para Rapazes), a partir de então, Baden-Powell realizou várias conferências para divulgar o escotismo. É válido ressaltar que ao criar o escotismo, Baden-Powell não pretendia substituir o papel da escola, apesar de ser um crítico contundente do modelo escolar, por considerá-lo livresco e passivo:

A educação, tal como a entendo, não consiste em introduzir no cérebro da criança uma certa dose de conhecimentos, mas sim, em despertar-lhe o desejo de conhecer e indicar-lhe o método de estudo. Além da formação puramente escolar, a educação moderna procura desenvolver o caráter, a habilidade técnica e a saúde do corpo (BADEN-POWELL, 1993, p. 5).

O programa educativo escoteiro se constituía em um complemento para a educação escolar da época. O escotismo surge, como uma solução para educar os jovens fora do estabelecimento escolar, sem a pretensão de substituir a escola. Em meio à efervescência dos debates e das experiências da renovação pedagógica, Baden-Powell idealizou um Movimento infanto-juvenil que associava educação ao ar livre, fundamentado na autoeducação, no desenvolvimento moral, intelectual e físico. “A finalidade do movimento não era a de encorajar a aquisição de conhecimentos, mas sim a de estimular o desejo e a capacidade de adquiri-los” (NASCIMENTO, 2008, p. 45).

Através do desenvolvimento moral, o escotismo almejava aperfeiçoar o caráter do jovem, para que este se tornasse um cidadão apto, para cumprir seus compromissos com Deus, a pátria e o próximo. Nascimento (2008) ressalta que no escotismo, o jovem não recebia instruções teóricas de nenhuma natureza, o desenvolvimento intelectual era desenvolvido através da máxima “aprender fazendo”, obtido através de atividades práticas de primeiros socorros, regras de segurança, natação, salvamento, cozinha, nós, entre outras. Quanto ao aspecto físico, este era desenvolvido através de jogos, excursões e acampamentos. Não obstante, Baden-Powell adequou o seu método com programas especiais para que pudesse atender as necessidades físicas e psicológicas das diferentes faixas etárias (dos 7 aos 21 anos).

Comenius, na sua Didática Magna, já apontava a necessidade de que o ensino fosse adequado à faixa-etária das crianças, com explicações claras, mescladas com atividades menos sérias. Nesse sentido, propunha uma organização escolar do indivíduo até os 24 anos de idade, distribuídos em quatro estágios (Escola Materna, a escola Vernácula, Escola Latina ou Ginásio e a Academia), com duração de seis anos cada.

Comenius defendia ainda, que o professor fosse afetivo com os alunos, para que dessa forma, os jovens tivessem prazer e vontade de aprender. No escotismo, segundo Baden-Powell (2006), o sucesso do desenvolvimento dos jovens depende em grande parte do chefe escoteiro, que deve ser visto como um “irmão mais velho” para conduzir e guiar os jovens pelo caminho adequado, não devendo agir como mestre-escola, comandante militar ou líder religioso.

Destarte, percebemos que as reflexões teóricas de Comenius, tecidas durante o século XVII, influenciaram muitos educadores, inclusive os educadores, que no final do século XIX e início do século XX, propuseram uma renovação da educação, através das pedagogias ativas. Foi nesse contexto, das reformas educacionais, que o escotismo foi elaborado e difundido para outros países, inclusive para o Brasil⁴.

Conclusões

O escotismo, gestado em 1907 pelo general inglês Baden-Powell, foi fortemente influenciado pelas ideias das pedagogias ativas do início do século XX. Coadunando com ideais educacionais da sua época, Baden Powell elaborou um método educacional, que valorizava a infância e a juventude como idades autônomas. Tendo como pressuposto a máxima do “aprender fazendo”, o escotismo procurou moldar o caráter dos jovens ingleses, inculcando-lhes valores tais como, obediência, civismo e o patriotismo, valores caros para a sociedade inglesa, naquele contexto de crise dos valores morais e preocupação com a educação da juventude.

Contemporâneo de teóricos da educação, a exemplo de Dewey, Claparède, Ferrière, Bovet, Baden-Powell propunha um método que conduzisse o jovem a autoeducação e o autodesenvolvimento (moral, intelectual e físico), o objetivo não era o de encorajar o jovem a adquirir conhecimentos, mas sim, estimular neste, o desejo e a capacidade de adquiri-los. Para compor seu método Baden-Powell se apropriou de diversas leituras que versavam sobre a vida ao ar livre, da natureza e aventura e, sobretudo, se inspirou nos pressupostos do Ativismo.

Através de nossa análise foi possível identificar que Comenius, durante o século XVII, em sua Didática Magna, já criticava a educação de sua época e seus métodos demasiado superficiais. Ele defendia a ideia de educar as crianças e jovens, através de conteúdos que fossem adequados as faixas etárias. Também apontava a necessidade de um método de ensino, que estimulasse os alunos a aprenderem, que não fosse enfadonho e que os preparassem para

⁴ No Brasil, o escotismo foi implantado no ano de 1910, por iniciativa de oficiais e praças da Marinha Brasileira.

a cidadania, através da vida religiosa comunitária e dos fundamentos da natureza. Consideramos dessa forma, que as contribuições teóricas de Comenius, expressa em sua “Didática Magna”, influenciaram os educadores do ativismo, contemporâneos de Baden-Powell e do escotismo, principalmente, no que refere a descoberta da infância como idade autônoma, o elo entre motivação e aprendizagem e a ideia de um ensino utilitário para a criança, partindo de uma realidade concreta.

O escotismo, que inicialmente foi pensado para a juventude inglesa, logo se expandiu para outros países, inclusive para o Brasil. Hoje, passado mais de um século de sua criação, o método educativo extraescolar escoteiro, alimentado desde os seus primórdios pelos os princípios do Ativismo, continua a ser um complemento para a educação de crianças e jovens em todo o mundo.

Referências Bibliográficas

BADEN-POWELL, Robert Stephenson Smyth. **A educação pelo amor substituindo a educação pelo temor.** Palestra de Baden-Powell apresentada ao terceiro Congresso de Educação Moral (publicada na Revista Jamboree em janeiro de 1923). Brasília: União dos Escoteiros do Brasil, 1993.

_____. **Escotismo para Rapazes.** Curitiba: Escritório Nacional da UEB, 2006. (Edição Comemorativa ao centenário do Escotismo- 1ª edição 1908).

_____. **Guia do Chefe Escoteiro** Tradução Gen. Leo Borges Fortes. 5. ed. Porto Alegre: Ed. Escoteira, União dos Escoteiros do Brasil, 2000.

_____. **Lições da Escola da vida:** autobiografia de Baden-Powell. Brasília: Editora Escoteira da UEB, 1986.

BOULANGER, Antonio. **O Chapelão:** Histórias da vida de Baden-Powell. 3 ed.- Rio de Janeiro. Letra Capital, 2011.

CAMBI, Franco. História da pedagogia. São Paulo: ed. da UNESP, 1999.

COMENIUS, Jan Amós. Didática Magna. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FÁVERO, Osmar. Educação não-formal: contextos, percursos e

sujeitos. **Educação & Sociedade**, vol. 28, n.99, p. 614-617, maio/ago. 2007.

FONTOURA, Amaral. **Filosofia da Educação**. Rio de Janeiro: Aurora, 1960.

LIMA, Paulo Gomes & DIAS, Isabel de C. Gonçalves. Educação não-formal: um intertexto sobre sua caracterização. **Revista de Ciências da Educação** – UNISAL- Americana/SP - Ano X - Nº 19 - 2º Semestre/2008, p. 141-173.

NAGY, Laszlo. **250 milhões de Escoteiros**. Rio Grande do Sul: União dos Escoteiros do Brasil, 1987.

NASCIMENTO. Adalson de Oliveira. **Sempre Alerta! O Movimento Escoteiro no Brasil e os projetos nacionalistas de educação infanto-juvenil (1910-1945)**. 2004, 173f. Dissertação (Mestrado em História) Programa de pós-graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo horizonte.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **A escola de Baden-Powell** – cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de estado no Brasil. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

THOMÉ, Nilson. Escotismo em Caçador (SC): História de uma instituição extraclasse. In: **Anais da VI Jornada do HISTEDBR- História, Sociedade e Educação no Brasil**, em Ponta Grossa (PR), Campinas: Histedbr, 2005.

